

**A INFLUÊNCIA DO NEGRO NA JUREMA CAMPINENSE: O CASO
MALUNGUINHO.**

Amanda Peixoto de Carvalho¹

Introdução

As religiões afro-brasileiras se desenvolveram praticamente em quase todos os estados brasileiros, onde houve a presença do negro e de seus antecedentes. Dentre as várias vertentes das práticas considerados como religiões afro-brasileiras podemos identificar de acordo com Silva (1994, p. 82), no Brasil o “candomblé da Bahia”; o “batuque” do Rio Grande do Sul e o “xangô” de Pernambuco; o “tambor-de-mina”², na região do Maranhão e do Pará; a “cabula” era praticada na região do Espírito Santo com influência das práticas bantos; a “macumba” do Rio de Janeiro; o “candomblé de caboclo”³; o “catimbó”, que se expandiu pelo norte e nordeste do Brasil; além da umbanda.

Na região nordeste o culto da jurema, se destaca dada influência indígena. Esse culto denominado umbanda cruzada com jurema ou simplesmente jurema, tem como símbolo mágico sagrado a árvore da jurema, que floresce no agreste e na caatinga nordestina e dela pode-se fazer uma bebida que permite aos praticantes entrar em transe (BRANDÃO e NASCIMENTO, 1998, sp).

Na cidade de Campina Grande existem muitos terreiros de umbanda cruzada com jurema e podemos encontrar algumas características dessa origem indígena nos

¹ Mestranda em História da UFCG e aluna do curso de especialização de História e cultura afro-brasileira da UEPB. (peixotoamanda@hotmail.com)

² Id. Idib p.83 “o termo mina é referência à procedência dos escravos, aprisionados no forte português São da Mina, na África Ocidental, antes de embarcarem para o Brasil.”

³ Id. Idib p. 87 “o culto aos caboclos, tão presentes na religiosidade dos bantos, deu origem ao candomblé de caboclo, considerado por muitos adeptos como variação do candomblé de angola, no qual deuses indígenas assumiriam o papel central, com o mesmo status dos orixás”.

rituais, a exemplo da cultuação da árvore da Jurema, a existência entidades cultuadas relacionadas aos Caboclos e Índios; encontramos objetos sagrados como a tronqueira, o arco e a fecha; enfeites e adornos como os penachos, saiotes, cocais; instrumentos musicais como o tambor e maracá; a tradição guardada através das melodias; o uso da defumação e do cachimbo; a fabricação da bebida feita a partir da árvore de jurema, etc.(PEIXOTO, 2004)

Embora, muitos estudos salientem a origem indígena nos rituais de jurema, destacamos a história do negro e propomos outras possibilidades, além do uso de fontes tradicionais, para estudar o processo de transmissão do conhecimento histórico, a exemplo dos pontos da jurema que rememoram sobre Malunguinho, “rei das matas” do quilombo de Catucá. Nesses rituais também encontramos características da África tradicional como a valorização do sentimento de comunidade, cultuação dos ancestrais, entre outros.

Desse modo, procuramos estabelecer um diálogo com a História social thompsoniana, a oralitura, além da proposta sociológica de Halbwachs para se pensar à memória coletiva nos atuais terreiros.

Nesse sentido, utilizamos para nosso estudo fontes bibliográficas, a transcrição de alguns cânticos ou pontos da jurema e a observação dos rituais (danças, objetos, instrumentos, pontos, etc.) que podem ser utilizados como fontes riquíssimas para o conhecimento histórico e carregam memórias através dos relatos orais (os cânticos) e não o escrito. Relatamos por fim, um pouco da história do quilombo Malunguinho rememorados nos terreiros. Para tal empreendimento dividimos o texto em dois momentos, primeiro evidenciando o aporte teórico e depois relatando a influencia do negro presente nesses rituais.

ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS e METODOLÓGICAS: a história social thompsoniana, oralitura e memória coletiva.

Quando se analisa a história do povo negro o historiador deve utilizar variadas fontes, não apenas as tradicionais (documentos oficiais), por que muitas vezes a tradição

africana e de seus descendentes repassavam o seu conhecimento de forma oral. Resistindo a dominação do “branco” e através dessa formação discursiva oral, muitas heranças culturais da tradição negra estão presentes na cultura brasileira como também nos terreiros de jurema. Por isso, alguns conceitos (a exemplo, de resistência, cultura, oralitura e memória) e metodologias são fundamentais para o nosso estudo.

A história social nos permite estudar as práticas sociais, as experiências de determinados grupos. A experiência humana como um fundamento (agenciador) dos processos históricos. Mas, especificamente através da história social da cultura que valoriza as tensões como criações culturais, as resistências em conexão com as tradições, os ritos, o cotidiano.

Assim, Edward Palmer Thompson nos proporciona algumas discussões a respeito de cultura, experiência e resistência.

A cultura para Thompson é um termo de difícil conceituação, muitas vezes, nos é apresentado como inovações de uma unidade e sem evidenciar as contradições sociais e culturais e as oposições internas dentro do conjunto.

Por isso, prefere utilizar o termo costume por que apresenta mudanças, disputas, estão associados às realidades sociais, podem fornecer contextos. Os costumes são repassados culturalmente desde os primeiros anos da vida com o processo de educação. Sendo que para muitos populares esta prática era repassada de forma oral.

Nesse sentido, os conceitos deste autor, apesar dele se dedicar a sociedade inglesa do século XVIII, colabora para o estudo da experiência negra na África, no Brasil e demais colônias americanas, pois nos permite ter uma visão de que certos conceitos são construídos historicamente.

Por isso, serve para refletir sobre a construção do termo África, que foi relatado por muitos séculos por um saber ocidental e estereotipado(HERNANDEZ, 2008,p. 18)

Outros conceitos como experiência e resistência podem identificar determinados grupos sociais. Sendo que, Thompson utiliza o conceito de classe, não no sentido marxista do termo, em que remetia a uma categoria presa a uma estrutura. Mas, a classe

é fundada nas experiências comuns, por isso, é temporal/ cultural e nunca se dá da mesma forma. (1987, p. 9-12).

Exemplo do africano, que há todo um histórico de luta e resistência constante no processo da dominação européia, quando ofereceu dificuldades na ocupação européia no continente africano.

Como também nas demais colônias americanas a resistência do escravizado africano também foi muito marcante. Apesar de por vezes conseguirem “recriar e transmitir a cultura africana no Novo mundo, não se pode esquecer que esses escravos ainda enfrentavam tempos extremamente difíceis”. No entanto, existem muitas posições diferentes a respeito desse processo de resistência. “Como aqueles que buscam recuperar a cultura africana e seus valores ou resistir ao racismo e à aculturação”, ou dos escravos que diminuam o ritmo de trabalho (*Petit marronnage*), e fugas para lugares de refúgio, entre outros. (THORNTONTON, 2004, p. 355-357). Assim, a transmissão da cultura africana, por seus descendentes foi também, uma maneira de resistir e manter o costume, por “*isso a cultura popular é rebelde, mas o é em defesa dos costumes*”⁴.

Para se estudar essa cultura africana e seus descendentes, podemos fazer uso além da fontes tradicionais, a história oral nas comunidades remanescentes atuais ou utilizar a Oralitura, a qual muitos estudiosos desconhecem esse campo de estudo, contudo é profundamente enriquecedor conhecê-la e utilizar sua metodologia como meio de trazer a tona memórias coletivas e sociais. Nesse sentido, temos o trabalho de Leda Maria Martins sobre a oralitura da memória.

Muitas expressões culturais e populares brasileiras possuem marcas e traços históricos da África nas Américas, na diáspora negra. Dentre as muitas formas de expressão, as performances rituais como cerimônias e festejos religiosos podemos perceber a representação de “performances de tempo e da memória”, a exemplo do congado. Os festejos do congado, trata-se portanto, de um “teatro do sagrado” realizados sob festejos e encenação possuindo variados objetos simbólicos e “códigos sensoriais, visuais, auditivos...”, os quais carregam valores, memórias, códigos culturais

4 THOMPSON, E. p.Ob. cit. p. 19

cruzados no âmbito do ritual. Partindo dessa noção, tem-se a possibilidade através de gestos, danças e celebrações, os enunciados de resistências contra a opressão e a favor da liberdade que punçionaram as revoltas de escravos. São festejos com gestos de corpos e cantigos que recriam, reapresentam signos com cargas de memórias (MARTINS, 2000, p.68). Sendo, marcante essa carga de memória os pontos da jurema, o qual discutiremos adiante.

Segundo Halbwachs, uma semente de rememoração pode permanecer um dado abstrato, pode, ainda, formar-se em imagem e como tal permanecer ou, finalmente, pode tornar-se lembrança viva.

A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso. Em termos dinâmicos, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo, na medida em que necessita de uma comunidade afetiva, forjada no "entreter-se internamente com pessoas" característico das relações nos grupos de referência. Esta comunidade afetiva é o que permite atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo no passado e retomar o hábito e o poder de pensar e lembrar como membro do grupo.

A lembrança, para Halbwachs, é reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento, na medida em que porta o "sentimento do já visto". É reconstrução, principalmente em dois sentidos: por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim um resgate destes acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais.

A memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os "quadros sociais" nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si. Assim, compreende-se, em parte, a concepção halbwachiana sobre a natureza coletiva da memória.

A influência do Negro na jurema campinense e o caso Malunguinho

A herança da tradição cultural africana no Brasil começa a partir da diáspora negra, quando os escravizados não tinham um referencial local e procuraram “resgatar a

sua identidade”, construindo ou reconfigurando raízes culturais e históricas. (SERRANO e WALDMAN, 2007, 126). Assim, podemos encontrar muitos elementos que embora sejam plurais e modificados apresentam semelhanças e unidades dos grupos sociais dos africanos e afro-descendentes. Nesse sentido, os terreiros das religiões afro-brasileiras são palco destes laços culturais e de memórias que iremos destacar.

Na sociedade tradicional africana existe uma grande valorização do núcleo familiar. Diferente do mundo ocidental que divide os parentes diretos e indiretos, a família africana é extensa “*não existe a palavra ‘primo’, nem para ‘tio’, pois todos são considerados irmãos.*” Nessa família extensa determinada pela linhagem “*leva em consideração um ancestral conhecido, presente na memora das pessoas, por exemplo, um bisavô ou um teatravô. O culto aos ancestrais está fortemente presente na vida social.*” (Idem, 2007, p. 130)

Semelhante ocorre nos terreiros de tradições afro-brasileiras, porque a comunidade do terreiro também possui este laço “familiar”. Em que regente dos terreiros já de ante mão, são denominados de “pai” ou “mãe” de santo e são responsáveis coesão do grupo. Igualmente, os chefes das comunidades africanas, são intermediários entre o mundo visível e invisível. Os ancestrais são cultuados e nos terreiros eles podem elevar-se para entidade.

Nos terreiros como o de Umbanda cruzada com jurema encontra-se a presença de entidades que tiveram existência real. Por exemplo, "Malunguinho", um quilombola que reinou nas matas do Catucá na primeira metade do século dezenove, é Rei das Matas, sendo rememorado nos pontos cantados em seu louvor durante o culto.

Outra característica dessa cultura da diáspora africana é a memória mítica presente nos ritos. Pois o africano deslocado do seu continente construiu outras formas para manter suas tradições. E as religiões foram um caminho para guardar essa memória rememorando as suas entidades e histórias.

O Quilombo Malunguinho, um quilombola que reinou nas matas do Catucá na primeira metade do século dezenove, é Rei das Matas, nos pontos cantados em seu

louvor durante o culto da Jurema e Marcus Carvalho construiu a história deste quilombo.

Que surgiu no século XIX, localizado nas matas do Catucá em Pernambuco e se diferenciou da concepção do quilombo dos Palmares. Devido a sua localização no meio de um feixe de estradas que ligavam o Recife e zona da Mata Seca.

Para o autor, o nome Malunguinho pode não se referir apenas a uma pessoa. Por que

malungos, ou companheiros, se tratavam mutuamente aquelas pessoas que vieram ao Brasil no navio negreiro” e “não há informações concretas da fuga, captura ou morte do negro Malunguinho propriamente dito. Tudo o que sabemos é que ele foi caçado impiedosamente, e sua cabeça posta a prêmio em janeiro de 1827. (1996, p.415)

Mas, a terminologia da palavra com o “inho” remete a um nacionalidade brasileira do falar rural, construídos dos “malungos” uma nova identidade no quilombo na terras brasileiras, os malunguinhos.

Um dos primeiros malunguinhos foi Manoel Gabão (africano) em 1827 e o último foi João Batista (as fontes não esclarecem se era africano), morto em 1835, mas que deixou seu filho como sucessor, estabelecendo uma certa hierarquia sólida, apesar das constantes pressões das tropas senhoriais.

Nos terreiros de jurema este ancestral é rememorado por meio de pontos ou cantigos que narram a sua história e ao “subir no panteão das divindades é talvez a maior homenagem que um povo pode prestar aos seus heróis”, destaca Marcus Carvalho (1996). A unidade entre a divindade e o guerreiro da floresta do Catucá é evidenciada em uma cantiga que cita um antigo aparato militar usados pelos quilombolas, os estrepes.

Explica ainda este autor, que estrepes eram paus pontudos fincados no chão, em armadilhas ou expostos, para impedir os ataques dos soldados aos quilombos. “Muitos soldados caíam nas armadilhas ao perseguir os negros. Vem daí a expressão ‘se estrepar’”, observa. “O Malunguinho da Jurema, que tem o poder de tirar os estrepes do caminho, é, portanto, a recriação simbólica do próprio Malunguinho do Catucá: o verdadeiro rei das matas de Pernambuco”, escreve o historiador na mesma publicação.

Enfim, para destacarmos esta memória de malunguinho abaixo está um ponto de jurema cantada nos terreiros da cidade de Campina Grande e durante o ritual, a entidade celebrada em muitos casos faz a sua presença nas sessões religiosas. Sendo lembrado através da linguagem, gestos, representações simbólicas, inscrito na grafia do corpo em movimento e a vocalidade.

*Malunguinho está nas matas,
ele está é abrindo mês, a um Rei.
Me abra este mesa Malunguinho
e tire Estrepes do caminho.
Estrepe aqui,
estrepe acolá.
Para os inimigos não passar.
Estrepe aqui,
estrepe acolá
para os inimigos eu derrotar." – (bis)*

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO e NASCIMENTO. O catimbó-jurema. Trabalho apresentado na VIII Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, setembro, 1998 (mimeo)
- CARVALHO, Marcus J. M. *O QUILOMBO DO CATUCÁ EM PERNAMBUCO*. Caderno CRH, n. 15, p. 5-28, jul./dez., 1991. No site: www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1348...371... (05/11/09)
- _____. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife 1822-1850*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.
- CARVALHO, Marcus Joaquim M. O quilombo de Malunguinho, rei das matas de Pernambuco. In: João José Reis, Flávio dos Santos Gomes (org.). *Liberdade por um fio: histórias dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 407-432
- HERNANDEZ, Leila Leite. "O olhar Imperial e a invenção da África". In: ____ *A África na sala de aula: visita à história Contemporânea*. S. Paulo: Selo Negro, 2008
- HALBWACHS, M. A Memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective
- PEIXOTO, ou CARVALO, Amanda N. *A influência Indígena na Jurema*. Relatório Final – PIBIC/UEPB. 2004.
- SERRANO, Carlos e WALDMAN, Mauricio. *Memória da África: a temática africana em sala de aula*. S. Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. Editora Ática: São Paulo, 1994
- THORNTONTON, John. Resistências, fugas e rebeliões. In: ____ *A África e os Africanos na formação do mundo Atlântico- 1400-1800*. RJ: ELSEVIER, 2004p. 355-393)

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

THOMPSON, E. P. A formação da classe Operária Inglesa. In: *A Árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. P.9-12

_____. *Costumes em comum*. São Paulo: companhia da Letras, 2005.